



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11396 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 15/GT 20 - Educação Especial e Psicologia da Educação

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ACERCA DA DISCIPLINA LIBRAS: O CONTEXTO DOS DISCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA

Andréa Pereira Silveira - UFPA - Universidade Federal do Pará

Huber Kline Guedes Lobato - UEPA - Universidade do Estado do Pará

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ACERCA DA DISCIPLINA LIBRAS: O CONTEXTO DOS DISCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA

INTRODUÇÃO

Neste estudo pesquisamos o fenômeno da disciplina Libras como objeto de representações sociais partilhadas por um grupo imerso em um determinado contexto de universitário. Durante a pesquisa percebemos os conflitos, as problemáticas, as interações, as dificuldades, assim como os possíveis e os desejáveis avanços dessa disciplina no ensino superior.

Investigamos as representações sociais de um grupo de discentes de pedagogia sobre a disciplina de Libras no ensino superior, bem como percebemos os impactos da disciplina na vida acadêmica de cada discente. Em nosso texto lançamos olhares acerca da Libras no curso de pedagogia, pois é nesse curso que ministramos nossas atividades didáticas e pedagógicas no ensino superior.

Assim, trazemos um recorte da pesquisa intitulada “Representações Sociais de discentes do curso de Pedagogia sobre a disciplina Libras”. A referida pesquisa apresentou o seguinte problema de investigação: quais as representações sociais dos discentes do curso de Pedagogia sobre a disciplina Libras e a influência destas na formação inicial de professores?

Com isso, o objetivo geral é analisar as representações sociais dos licenciandos em Pedagogia sobre a disciplina Libras e a influência destas na formação inicial de professores.

MÉTODO

A pesquisa é do tipo qualitativa com base na metodologia de pesquisa das Representações Sociais ancorada em Moscovici (2003) e Jodelet (2011). Como estratégia para obtenção de dados fez-se uso do grupo focal (GATTI, 2005) associado à técnica de elaboração de desenhos pautada em Oliveira, Oliveira e Silveira (2018). Participaram desta investigação 08 (oito) sujeitos. Entretanto, neste trabalho apresentaremos um recorte no qual analisamos os desenhos produzidos por 3 desses sujeitos, denominados ficticiamente como: Ana Luísa, Bil e Lua.

A análise dos dados deu-se com base na técnica de categorização ou “[...] reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos [...]” (BARDIN, 2011, p. 147). Assim, conseguimos vislumbrar três categorias analíticas que emergiram dos desenhos produzidos pelos sujeitos, sobre os quais narraram suas intenções.

Assim, trabalhamos com as seguintes categorias: a) ensinar Libras; b) compreensão, liberdade e felicidade; e c) regar conhecimento. No seio dessas categorias as representações sociais presentificam-se e influenciam a prática cotidiana dos discentes no curso de pedagogia.

A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A Teoria das Representações Sociais (TRS) foi originada na Europa, por Serge Moscovici, psicólogo, romeno radicado na França e que inaugurou a teoria por meio de sua obra *“La psychanalyse, son image et son public”*, de 1961, com uma segunda edição revisada no ano de 1976 traduzida em nosso país como *“A Psicanálise, sua imagem e seu público”*.

As RS são afirmações genéricas estabelecidas nos depoimentos que enunciam de maneira explícita crenças, valores, ideologias, firmadas no processo de comunicação. Apoiando-nos ao pensamento de Jodelet (2001, p. 21), mencionamos que RS “expressam aqueles (indivíduos ou grupos) que as forjam e dão uma definição específica ao objeto por elas representado.

A concepção moscoviciana ressalta que nas sociedades contemporâneas o

indivíduo depara-se com a presença de dois universos: o consensual e o reificado. No contexto do universo reificado são organizadas as ciências racionais e os pensamentos eruditos, consubstanciados a partir de regras institucionais. Neste universo, conforme Moscovici (2003), há a concepção de que na sociedade existem diversos papéis a serem desempenhados pelos indivíduos em conformidade com a competência adquirida, a qual determina a participação de acordo com o prestígio no grupo.

O universo consensual, para o autor, é o contexto em que são elaborados os saberes do cotidiano e os sentimentos afetivos dos sujeitos. Segundo a vertente moscoviciana este universo permite a arte da conversação, em que o grupo de pessoas se encontra em condição de igualdade para expor suas opiniões e discursos partilhados entre todos os participantes deste grupo social.

A partir das RS elaboradas neste universo consensual, os indivíduos criam imagens e opiniões que possuem de uma realidade social ou de um universo reificado. Por meio de suas representações, geradas na dinâmica das relações e interações sociais, há uma familiarização de objetos, pessoas e acontecimentos os quais outrora eram desconhecidos e considerados não familiares, pois conforme já mencionamos, a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não-familiar (MOSCOVICI, 2003).

A teoria moscoviciana aponta que as Representações Sociais para serem formadas utilizam-se destes dois mecanismos – ancoragem e objetivação - para exercer sua função, e neste sentido cada grupo social vai se familiarizando com o aquilo que é desconhecido e não-familiar. Então, “o primeiro gira em torno de classificação e nomeação e o segundo se refere à transfiguração do que é abstrato para o concreto, por imagens” (BRAZ, *et al*, 2011, p. 60).

Por meio da ancoragem e da objetivação é que as representações sociais se formam no contexto da vida cotidiana. Essas representações são partilhadas por um grupo social, que torna familiar o que era não familiar e torna concreto o que era abstrato. Assim, entendemos que as RS são construções subjetivas e objetivas de um grupo social sobre alguém/algo, inclusive podendo ser sobre a disciplina de Libras no ensino superior.

A DISCIPLINA LIBRAS NO ENSINO SUPERIOR

O nosso estudo traz reflexões sobre a disciplina de Libras no ensino superior, especificamente no curso de pedagogia. Esse curso, por ser algo voltado à formação de professores, obrigatoriamente, essa disciplina precisa fazer parte do

currículo do próprio curso e da trajetória acadêmica de seus discentes. Essa assertiva possui base legal por meio da Lei e do Decreto de Libras.

A Lei Federal nº 10.436 de 24 de abril de 2002, reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como a língua oriunda das comunidades de pessoas surdas do Brasil. Este reconhecimento significou, além de um avanço aos direitos linguísticos dos Surdos de se comunicarem e se expressarem por meio de sua língua, uma transformação social quanto à valorização, ao uso e à difusão da Libras no seio de comunidades surdas e ouvintes.

Após a aprovação da Lei da Libras, houve a sua regulamentação, mediante o Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, que estabelece em seu Art. 3º que a Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

Com a oficialização da Libras por meio da Lei 10.436/2002 e sua regulamentação a partir do Decreto nº 5.626/2005 torna-se obrigatório a inclusão da disciplina de Libras na matriz curricular de cursos superiores, tais como: Letras, Pedagogia, Fonoaudiologia e demais licenciaturas. Assim, buscando cumprir a legislação a Universidade Federal do Pará (UFPA) passou a implementar a disciplina de Libras no currículo de seus cursos de licenciatura.

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O ENSINO DA LIBRAS

Em nosso estudo a maioria dos participantes afirmou que a disciplina Libras gerou um impacto significativo em relação aos surdos e à Libras. Esse impacto refere-se à dimensão da própria formação profissional, bem como reflete na sensibilização para a questão da importância da Língua Brasileira de Sinais na comunicação do sujeito surdo. Assim, por meio dos desenhos que produziram, os participantes possibilitaram a discussão de três categorias emergentes que revelam a importância de/a: a) ensinar a Libras; b) compreensão, liberdade e felicidade; e c) regar conhecimento. Vejamos:

Figura 1 – Ensinar Libras



Fonte: Ana Luísa – sujeito da pesquisa (2021)

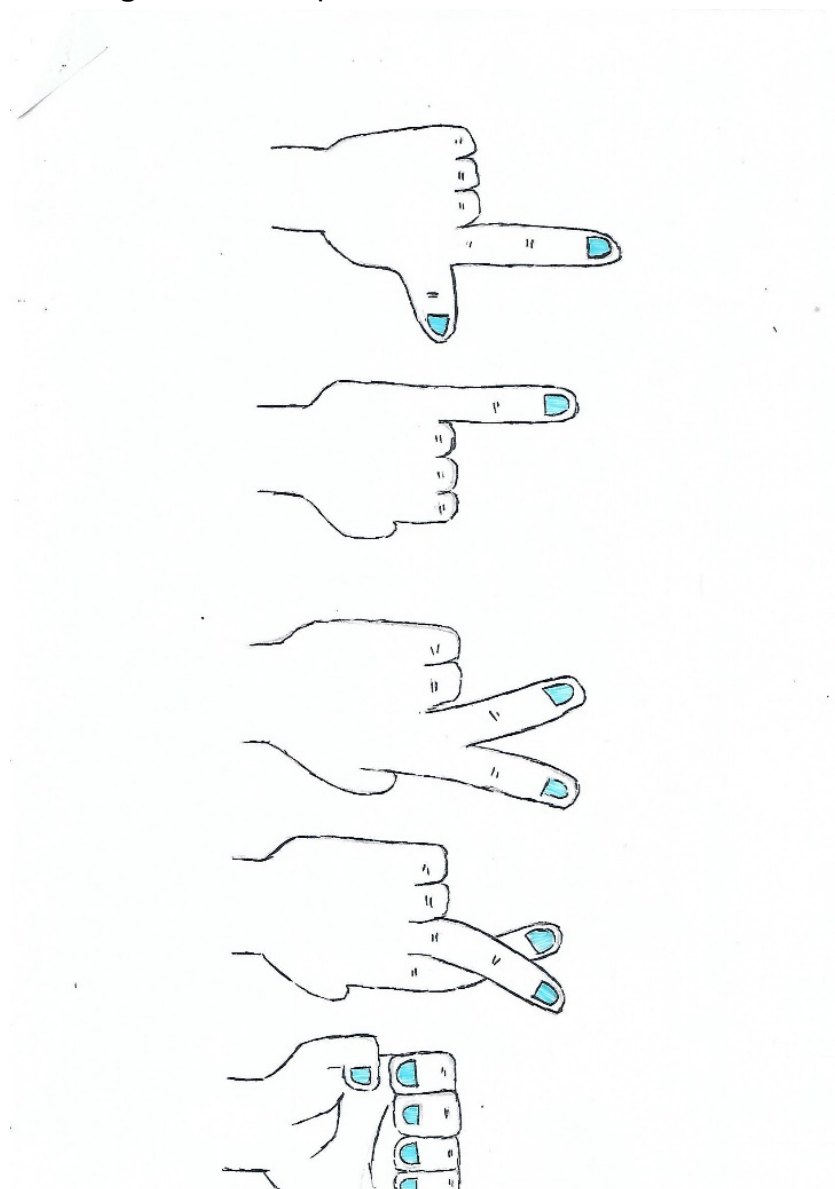
Eu desenhei uma professora ensinando Libras para as crianças, isso demonstra que **é importante ensinar Libras** para as crianças nos anos iniciais, fundamental, que é desenvolver a capacidade de empatia, de se colocar no lugar do outro, isso também é importante para o futuro, quando entrar em contato com pessoas diferentes e se comunicar através da Libras (ANA LUISA, grifo nosso).

Ana Luísa assevera a importância de ensinar Libras no contexto escolar e acredita que isso terá implicações no futuro dos alunos por meio do desenvolvimento da empatia. É importante situar que o ensino de Libras destacado nessa representação social é atravessado pelo processo de formação de professores a fim de tornarem aptos a ensinar e comunicar por meio dessa língua. Desta feita, apoiamo-nos em Klein e Silva (2013, p. 144), ao discutirem que “[...] o processo de formação de professores juntamente com as questões surdas envolve a educação com todas as características, marcas e lutas desses sujeitos”.

Assim, reconhecer a importância do ensino de Libras enseja reconhecer o processo de formação de professores que incorre na garantia de que essa premissa possa ser garantida nas práticas educacionais e, assim, possibilitar que por meio do

ensino de Libras e de outros elementos inclusivos a empatia seja estabelecida.

Figura 2 – Compreensão, liberdade e felicidade



Fonte: Lua – sujeito da pesquisa (2021)

O meu desenho seria como uma criança quando foi entendida, como ela se sente? Ela se sente **livre, feliz** pelo simples fato dela ser entendida, **compreendida** pelo outro porque as vezes é muito fácil querer que nos compreendam, mas compreender o outro, se colocar no lugar dele é muito complicado (LUA, grifo nosso).

Lua aponta a que ser compreendido gera na criança surda o sentir-se livre e feliz. Nesse viés, trata sobre a liberdade que a língua de sinais promove que no tange a comunicação, bem como o sentimento de liberdade e felicidade atrelados ao

ser entendido, compreendido. Nessa esteira, Lobato (2020, p.167) afirma que “a forma essencial de estabelecer a relação, a afinidade e a aproximação com o aluno Surdo, é mediante a comunicação em Libras”. Dessa forma, a comunicação efetiva e a compreensão gerada nesse caminho é uma condição relevante no campo do ensino das pessoas surdas.

Figura 3 – Regar conhecimento



Fonte: Bil – sujeito da pesquisa (2021)

Eu desenhei uma flor, uma plantinha... o significado dela, eu queria dar um significado bem simbólico. A plantinha geralmente necessita ser regada, necessita de todo amor, de todo cuidado, de todo carinho da pessoa que está cuidando, que está com ela. É assim mesmo uma pessoa surda, é assim mesmo até na nossa formação, no geral também, além disso, a gente deve regar, a gente deve cuidar, a gente deve zelar por aquela pessoa, a gente deve **regar**

conhecimento e nossos ensinamentos para aquela pessoa para que ela não vá morrer, não vá secar de falta de conhecimento. Ela não vai perder aquele contato com o conhecimento, como o novo, com o mundo que tem lá fora, com tudo que a gente tem de mais novo pra se aprender ainda, cuidar para que a pessoa não vá seguir caminhos errados, que não vá acabar murchando como a flor. E zelar por aquela pessoa, é zelar no âmbito de sempre está lá de olho, de estar lá observando aquela pessoa, observando o que vai acontecer com ela daqui pra frente, e sempre regando ela com muito amor, com muito carinho. O professor geralmente tem esse poder de ver o que nem a família consegue ver, e olha de outra forma o que a família não consegue ver (...) então, eu digo que é necessário regar porque só assim a pessoa chega no mais alto patamar, é simples mais representa muito bem o que eu quero falar (BIL, grifo nosso).

Bil utiliza a simbologia da flor e destaca que tem que ter luz, tem que se regar. Traz-nos o zelo, o cuidado, a afetividade e o compromisso com o outro. Elabora ainda a metáfora de regar conhecimento nessa relação com o aluno surdo.

Podemos relacionar suas anunciações com uma perspectiva de alteridade que é “definida literalmente como a qualidade de ser, logo saber, o outro, implica uma relação entre o eu e o outro pela proximidade, cujo sentido primordial e último é a responsabilidade do eu pelo outro” (LOOS; SANT’ANA; RODRIGUEZ, 2010, p. 151). O surdo, esse outro na relação é visto com afetividade e sobre o qual o docente exerce uma responsabilidade social de atenção e reconhecimento de suas potencialidades.

Vislumbramos nas representações apontadas pelos participantes que a disciplina Libras tem logrado o papel de sensibilizar os professores em formação para a importância da Língua Brasileira de Sinais na vida da pessoa surda, seja na dimensão social, educacional e identitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sujeitos revelaram em suas representações sobre o ensino da Libras que essa disciplina vem desempenhando um papel positivo na formação de professores, uma vez que apontam a sua importância para o estabelecimento da empatia, da compreensão, liberdade e felicidade, bem como anunciam a necessidade de atenção e cuidado para com os alunos surdos.

Isto posto, consideramos que os participantes apresentam uma visão positiva,

o que é favorável para a educação de surdos em uma perspectiva bilíngue de reconhecimento da Libras como basilar nos processos socioeducacionais. Assim, trazem para o debate o aspecto transformador da disciplina Libras no que tange a formação inicial de professores, na medida em que expressam suas emoções, o seu olhar sobre a diferença, no prisma da alteridade, de maneira a ressignificar, mobilizar ideias inclusivas, visando assim a construção de práticas pedagógicas que acolham a singularidade da pessoa surda.

Contudo, problematizamos a necessidade de formação de professores fluentes em Libras para alcançarmos uma educação bilíngue para surdos, o que exige uma trajetória de investimento na aquisição da Libras impossível de ser adquirida em apenas uma disciplina.

Palavras-chave: Representações Sociais. Libras. Ensino Superior. Formação de Professores. Desenhos.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antero. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Lei 10.436/02**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm. Acesso em: 18 abr. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 5.296/04**. Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm. Acesso em: 10 abr. 2021.

BRAZ, M. C. D. L. *et al.* O procedimento de classificações múltiplas (PCM) e sua pertinência ao estudo das representações sociais. *In*: SOUZA, P. de S.

Representações Sociais: estudos metodológicos em educação. Curitiba: Fundação Carlos Chagas, 2011, p. 53 a 83.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas**. Brasília:

Líber Livro, 2005.

JODELET, D. Representações Sociais: um domínio em expansão. *In*: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p. 17-44.

LOBATO, H. K. G. Eu-Tu e Eu-Issso de Martin Buber: representações sociais de professoras sobre escolarização de surdos. **Revista Periferia**, v. 12, n. 1, p. 156-176, jan./abr. 2020.

LOOS, H.; SANT'ANA, R. S.; RODRÍGUEZ, S. I. N. Sobre o sentido do eu, do outro e da vida: considerações de uma ontologia acerca da alteridade e resiliência. *In*: STOLTZ, T.; GUÉRIOS, E. (Orgs). **Educação e alteridade**. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. OLIVEIRA, I. A. de; OLIVEIRA, W. M. M. de; SILVEIRA, A. P. A técnica do desenho na pesquisa educacional sobre representações sociais. *In*: OLIVEIRA, I. A. de; OLIVEIRA, W. M. M. de; LOBATO, H. K. G. (Orgs.). **Pesquisa Educacional sobre representações sociais**: o uso da técnica do desenho e dos mapas conceituais. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. p. 21-54.